

MARQUES, Maria Alegria; OSSWALD, Helena (coord.)

*Devoções e sensibilidades marianas: da memória de Cister ao Portugal de hoje. XIII Encontro Cultural S. Cristóvão de Lafões. 5 e 6 de maio de 2017.*

São Cristóvão de Lafões: Associação dos amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, 2018. 223 p.

CARLOS A. MOREIRA AZEVEDO

As atas deste XIII Encontro, com uma persistência assinalável para eventos culturais geograficamente situados nas periferias, abrem com nota da presidente da Comissão Científica. Salienta a ligação de Cister com o culto mariano em ano de centenário de Fátima, facto motivador na escolha temática.

Luís Alexandre Rodrigues aborda “A iconografia da Senhora do Manto: alguns exemplos transmontanos” (p.13-45). Ainda que a grande parte do texto se perca em considerações preliminares e laterais, refere o fresco da Igreja de S. Francisco de Bragança na versão *Mater omnium* dentro do espírito franciscano, embora com paralelo em gravura de âmbito cisterciense. Exemplifica a imagem da Senhora do Manto nas bandeiras da Misericórdia de Torre de Moncorvo e no painel central do retábulo da igreja da Misericórdia de Bragança, de finais de século XVII. De facto, a primeira imagem conhecida deve-se a Simone Martini (1305-1330ca), conservada na Pinacoteca de Siena. Pena o autor não citar a obra *Mater Misericordiae: Simbolismo e representação da Virgem da Misericórdia*. Lisboa: Museu de São Roque; Livros Horizonte, 1995.

O fundamental inventário setecentista das imagens milagrosas marianas merece estudo de Maria de Lurdes Correia Fernandes – *Imagens e devoções marianas na época moderna: o testemunho do Santuário Mariano (1707-1723) de Fr. Agostinho de Santa Maria, OSA* (p.47-72). Insere a obra na abundante produção bibliográfica dos séculos XVI-XVII, assinala o carácter específico do monumental trabalho de recolha e analisa os limites do método do cronista. Correia Fernandes dedica atenção apenas às imagens das dioceses de Viseu (119) e de Porto (44), mostrando as motivações e objetivos de Fr. Agostinho. Pretende conservar o registo da memória, revela a devoção individual do autor e colaboradores e torna manifesto o desejo de alimentar a devoção. A obra é enquadrada na busca ilustrada de um levantamento sistemático de tradições e na intenção de encontrar razões para avivar a memória e mover a devoção, um pouco esfriada nos inícios de setecentos. O estudo de Correia Fernandes indaga sobre o poder criador de devoção das esculturas, através da beleza atraente da sua execução e dos seus adornos. Motivam romarias, procissões, peregrinações, festas. Termina, seja salientando a preocupação do Autor pela origem milagrosa das imagens, embora confesse por vezes o desconhecimento dos inícios devocionais, seja oferecendo um quadro não só das invocações e materiais das imagens da Diocese do Porto, como das irmandades, romarias, ex-votos e milagres.

Após larga introdução (p.73-92), fruto da sua investigação para a tese de doutoramento, Paula Almeida Mendes entra no tema: “A devoção mariana na vida religiosa feminina: textos e práticas no Portugal de seiscentos e de Setecentos” (p.73-100). Refere, entre

---

outras, as clarissas Catarina do Salvador, Leocádia da Conceição e Constança de Jerusalém, esta com visões; as dominicanas Paula da Conceição, Inês de Jesus e Leonor do Rosário; a cisterciense Eugénia de Jesus Maria. O estudo ilustra, através de fontes hagiográficas e biográficas de tonalidade devota, as características expressivas da versão feminina do sentimento religioso mariano.

Maria Isabel Rocha Roque trata o tema “Santa Maria, Mãe de Deus: invocação, representação, exposição” (p.101-134), que pretende verificar como se consegue comunicar museograficamente a complexa iconografia mariana. Percorre, mais uma vez, o enquadramento genérico dos diversos títulos e ciclos da vida de Maria para, na página 126, entrar no assunto. Evidencia a distância entre a iliteracia religiosa e cultural dos visitantes dos museus e a capacidade didática da museologia da arte religiosa para transmitir o sentido das invocações marianas. O recurso à tecnologia digital e multimédia alargará a visualização e o conhecimento, permitindo uma recontextualização das obras e o melhor entendimento do seu sentido.

Especializada nos manuscritos litúrgicos de Alcobaça, Catarina Fernandes Barreira oferece trabalho com título: “*Ad candelas* ou a festa da purificação da Virgem no Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça entre os séculos XII e XVI” (p.135-174). Estabelece o corpus de manuscritos e analisa os textos da missa, da bênção da cera, da procissão, do breviário, do ofício nos coletários e da celebração da oitava. Não esquece a decoração das iluminuras que acompanham o manuscrito. Em anexo, transcreve o texto do ofício da purificação do Breviário de Inverno (BNP, Alc. 54, fl. 218v-223v).

O livro prossegue com o trabalho de Carlos Godinho, diretor da Obra Nacional da Pastoral do Turismo, que apresenta: “Roteiros marianos: do concílio de Trento à atualidade” (p.175-198). Divide em três aspetos a sua síntese: Santuários – identidade e tipologias; linhas de espiritualidade mariana; roteiros marianos: a visibilidade dos espaços sagrados.

E terminam estas atas com um estudo de Luísa Trindade “A ‘viagem das formas’ nos caminhos de peregrinação” (p.199-219). Embora impreciso na linguagem teológica, desenvolve o conhecimento das influências estéticas ocorridas através dos caminhos de peregrinação, com mobilidade de artistas e de soluções arquitetónicas. Aplica às sés de Braga, Porto, Lisboa e Coimbra e ao Mosteiro de Santa Cruz a visão comparativa das linguagens românicas e verifica o papel dos comitentes e a importância do programa político.